



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER  
LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR**

**MANOELA DE ALMEIDA SANTANA**

**UM MERGULHO EM MIM: DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES**

Rio de Janeiro

2022

**MANOELA DE ALMEIDA SANTANA**

**UM MERGULHO EM MIM: DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Elisabete Lopes

Rio de Janeiro

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S232m Santana, Manoela de Almeida

Um mergulho em mim: descobertas e transformações/ Manoela de Almeida Santana.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2022.–  
38 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2022. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Profa. Dra. Ana Elisabete Lopes

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Brincar.. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 25 de junho de 2022.

**MANOELA DE ALMEIDA SANTANA**

**MANOELA DE ALMEIDA SANTANA**

**UM MERGULHO EM MIM: DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

**ORIENTADOR**

---

**Profa. Dra. Ana Elisabete Lopes**

**LEITOR**

---

**Professor(a)**

Rio de Janeiro

2022

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria Nazaré de Almeida Santana, aos meus filhos, Jady de Almeida Mello, Miguel Antonio Vilela e ao meu esposo, Gilberto da Silva Vilela, por acreditarem na minha capacidade e me incentivarem a ir em busca dos meus sonhos.

Durante esses três anos se privaram da minha presença em diversos momentos para que eu me dedicasse aos meus estudos e à realização de um sonho, pois este é um passo importante para continuar seguindo em frente na busca por muitas outras conquistas.

A Deus, por ser a força que me acompanha em todos os momentos de minha vida e por não me abandonar.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu pai, Antonio Batista de Santana (em memória), e a minha mãe, Maria Nazaré de Almeida Santana, pelos valores a mim ensinados e que me constituem como pessoa.

Ao meu esposo, Gilberto, que segurou firme na minha mão, me impedindo de desistir diante das pedras que surgiram no caminho e foi um dos maiores incentivadores, acreditando no meu potencial.

À minha filha, Jady, amiga e confidente, que foi meu exemplo de superação e me apoiou em todos os momentos, me mostrando que não poderia desistir, pois senão estaria desistindo de mim mesma.

Não poderia deixar de agradecer à Claudia Sabino e a minha coordenadora, Silvia Helena, que me incentivaram a fazer o vestibular para o Pró-Saber, um local que me apresentou uma nova concepção de educação, diferente da qual vivenciei e que transformou o meu olhar para o ensinar e aprender.

Aos funcionários da Creche Chácara do Céu, que compartilharam comigo suas experiências e ajudaram-me a enxergar outro lado da prática pedagógica.

À turma 2019, meus agradecimentos pelas trocas de experiências sobre suas práticas, pensamentos e reflexões e entendimentos diante das teorias apresentadas.

Aos professores que acompanharam a trajetória da turma 2019 agradeço imensamente o ensinar de cada um que me levou a me enxergar como sujeito e a valorizar a importância do outro na construção de conhecimento.

Não posso deixar de agradecer a todos aqueles que fazem parte da equipe do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, pelo cuidado, respeito e acolhimento com todos que aqui ingressam.

A todas as crianças que tive a oportunidade de conviver na Creche Chácara do Céu, pois elas também fizeram parte da minha transformação pessoal e profissional.

A Deus por estar presente em minha vida em todos os momentos e por nunca me abandonar, mesmo nos momentos em que ousei fraquejar durante o percurso.

“Ao brincar com a criança, o adulto está brincando consigo mesmo”. (DRUMMOND, 2007).



## RESUMO

Por meio deste trabalho, resgato, apresento e reflito sobre a minha trajetória no Curso Normal Superior de Educação Pró-Saber, durante os três anos de formação. Aqui deixo registrada a desconstrução do meu olhar profissional e pessoal, resultado dos resquícios deixados por uma concepção autoritária de educação, que me acompanhou até a minha entrada no curso, impedindo que eu olhasse para o novo, até então. Através deste registro monográfico, conto como foi esse processo de desconstrução e como fui reconstruindo o olhar, a partir de uma nova concepção, a qual fui apresentada durante o curso, ampliando meus conhecimentos sobre o aprender e ensinar na educação infantil e a importância do brincar neste processo.

**Palavras-Chave:** Desenvolvimento. Educação Infantil. Brincar.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>1 DESCOBRINDO O NOVO, DESCONSTRUINDO O OLHAR</b>	<b>16</b>
<b>2 AS DISCIPLINAS QUE ME MARCARAM</b>	<b>22</b>
<b>3 O BRINCAR: UM NOVO OLHAR</b>	<b>30</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Nesta monografia narro como foi passar pelos caminhos que foram me levando a construir o meu aprendizado, mas também, a olhar para minha prática e para mim mesma. Durante meu processo de formação, aprendi o quanto é importante o registro para se avaliar e estar sempre atento, além de ouvir o outro. Como foi importante essa junção de teoria e prática! As trocas entre o grupo, a cada aula, me fizeram ampliar o meu olhar através do outro. Foi no Curso Normal Superior de Educação Infantil do Pró-Saber, que encarei minhas dificuldades, meus medos e descobri o quanto aprender e ensinar dói. E como dói!

Você deve estar se perguntando o porquê da dor. Porque se deparar com o desconhecido não é fácil, resgatar memórias traz alegria, mas também feridas do passado, e isso dói. Então, você começa a compreender que precisava encará-las para se desconstruir e começa a tomar consciência que carrega marcas de um modelo autoritário de educação, que, sem perceber, pode acabar reproduzindo.

É nessa tomada de consciência que você se confronta e entende que é preciso colocar para fora o que incomodava para se libertar destas marcas negativas, passando a compreender que suas ações podem deixar marcas positivas ou negativas.

Resgatar, salvar do esquecimento alienado as lembranças de nossa história pedagógica com nossos modelos, é entrar em diálogo crítico com nosso passado, podendo assim, ajudar-nos, também, a entendê-lo, superá-lo, esquecer-lo, como ato consciente de quem perdoa. Muito diferente do estado de amnésia que se encontrava anteriormente. (FREIRE, 2008, p. 42).

Mas depois da dor vem a alegria de descobrir que você é capaz, que a sua fala, a sua experiência de vida, sua história, o seu pensamento contribuem para que o outro reflita e vice e versa, ampliando o olhar.

A coragem também faz parte do processo de aprender e ensinar, pois é preciso assumir-se no papel de educando e de educador que busca por respostas para o que não se sabe, admite que errou, expõe a dúvida, insiste, acredita e segue em frente para alcançar seus objetivos.

O Pró-Saber me levou a descobrir a importância de conhecer cada fase do desenvolvimento da criança para compreender o seu comportamento e como ela vai construindo o seu pensamento na infância. As teorias apresentadas foram me levando a repensar a minha prática. Passei a olhar com mais atenção para as brincadeiras e a maneira como elas acontecem. Foi na disciplina “O Brincar e sua Importância na Educação Infantil” que fui levada a descobertas e a tomada de consciência, entendendo que o brincar contribui para o desenvolvimento da criança em todos os aspectos, físico, mental e social.

Quero contar a minha trajetória para aqueles que, como eu, buscam por conhecimento, que carregam dentro de si a esperança e a determinação de não deixar morrer o desejo e a convicção de que nada vai impedi-los de alcançar seus objetivos e realizar seus sonhos. Por mais difícil que seja, só você pode, basta acreditar. Nunca é tarde demais para buscar por aquilo que se quer. Mas é preciso saber que, qualquer caminho que se escolha seguir, não é fácil. Se fosse, não teria graça. Espero contribuir especialmente para aqueles que desejam seguir o caminho da educação.

Não basta amor, mas é preciso também ter esperança e acreditar que a educação transforma as pessoas e as pessoas podem transformar o mundo. Como diz Paulo Freire (2008):

Construir a esperança, “esperançando”, exige ter e dar tempo ao tempo, para que “algo nos aconteça, nos toque!”, para que vivamos experiências únicas, para sermos levados, conscientes e plenos, pela vida, na construção e gestão do sonho que se faz hoje. (FREIRE, 2008, p. 187).

Àqueles que estão prestes a embarcar nesta aventura de construção de conhecimento, quero que saibam que, a cada etapa, nos descobrimos e vamos nos transformando. Lutamos contra diversos sentimentos, mas compreendo que isso faz parte do ser educador, que tem a certeza e acredita no que se propõe a fazer.

Renovo-me todos os dias, dentro e fora de sala, como aluna e educadora, e, assim, construí e construo o meu conhecimento.

Passei a olhar com uma lupa para dentro da minha sala de aula e fui enxergando o desabrochar dos meus pequenos e de mim mesma. Todos nós

somos flores deste jardim chamado Educação Infantil, no qual cada um é um nutriente que contribui para o crescimento do outro.

Poderia dizer que a necessidade me motivou a trabalhar com a educação infantil mas só que, hoje em dia, olhando para o meu passado, vejo que não, pois foi o amor que sinto em trabalhar com crianças que me guiou.

Fui mãe adolescente, interrompi meus estudos durante um tempo para cuidar da minha filha e trabalhar. Quando fiquei desempregada, vi que teria que retomar meus estudos para concluir o ensino médio. Neste período, surgiu a oportunidade de fazer um curso na área da educação. Durante o curso, fui indicada para fazer uma entrevista de estágio no Centro Educacional Marca Viva, localizado no bairro de Vila Isabel.

Ansiosa e cheia de expectativa, ao entrar no local, me encantei com o espaço e, enquanto aguardava ser chamada para ser entrevistada, me deparei com aquelas crianças brincando no parquinho. Veio-me à memória aquele sonho adormecido de me tornar professora. Adormecido, porque, na infância, uma das minhas brincadeiras favoritas era “Escolinha”, quando sempre me colocava no lugar da professora. Se me perguntavam que profissão queria seguir, eu respondia “professora”, e foi assim até a minha adolescência.

Fiz a entrevista para o estágio e passei. Meu coração parecia explodir de tanta felicidade. Fui conduzida para conhecer os espaços e apresentada à professora Gislene, que hoje não se encontra mais aqui entre nós. Foi ela que me motivou, me fazendo perceber que havia encontrado o que eu mais amo fazer: trabalhar com crianças. Durante o estágio, me encantava com a prática daquela mulher, que tanto me ensinava, do seu olhar observador para seus alunos, do cuidado e do respeito para com eles.

Essa foi a minha primeira experiência profissional em uma instituição educacional, onde de estagiária passei para contratada. Fiquei por um período, depois passei por outras, mas sabia que algo me faltava, pois não queria ficar apenas auxiliando nas atividades de sala e nos cuidados com a higiene. Era assim a maneira como sentia que o trabalho de auxiliar de turma era visto e isso me incomodava.

Quando fui trabalhar em uma escola inclusiva como recreadora, eu ficava responsável pelas crianças do período integral, somente pela manhã. Colocava em prática muito do que foi aprendido no curso, mas não eram

atividades planejadas, com objetivos definidos etc. Na parte da tarde, exercia a função de auxiliar de turma. Nessa escola, me deparei pela primeira vez com crianças que apresentavam autismo, com as quais nunca havia trabalhado. Era um mundo novo da educação que me foi apresentado. Por lá, fiquei 8 anos e aprendi muito sobre como se deve ou não se deve fazer na prática pedagógica.

Durante o tempo que atuei nesta instituição, sentia que algo me faltava. Incomodava-me a separação que havia entre professores e auxiliares de turma, limpeza, cozinha e secretaria. A direção e coordenação deixavam claro que professores e auxiliares não deviam se misturar. Mas, na verdade, quem passava mais tempo e conhecia as crianças, principalmente aquelas de período integral, era justamente os auxiliares que exerciam a função de recreadores. O professor de sala, muitas vezes, não percebia e nem sentia o que aquele aluno estava desejando expressar ou sinalizando. Na hora de realizar uma avaliação, sequer nos consultavam para saber o que observamos no desenvolvimento do aluno. O comportamento das crianças em sala com o professor era um e, em outros momentos, com a equipe do integral era outro, principalmente, as que apresentavam necessidades específicas.

Nos dois últimos anos que atuei nessa escola, uma inquietação começou a tentar me dominar, a ponto de quase me levar a desacreditar da minha capacidade como profissional.

Triste e incomodada com a instituição devido às práticas adotadas por alguns profissionais insatisfeitos, que haviam deixado morrer dentro de si o amor, o respeito necessário e, sobretudo, o gostar de estar junto das crianças, vi que era o momento de sair e buscar novos voos. Decidida a me dedicar aos estudos na área da educação e me formar, comecei a entregar currículos em outros espaços.

Nessa busca, encontrei a Creche Chácara do Céu, Na tijuca, na qual trabalho atualmente com a turma de Berçário II, onde me deparei com outro lado da educação. Saí de uma instituição privada, onde a realidade era uma, para uma conveniada, que até então não sabia que existia, pois achava que todas as creches comunitárias eram públicas.

Lembro-me que, quando cheguei à instituição, tomei um choque, pois professor e auxiliar trabalhavam juntos. Sem falar que todos eram chamados pelas crianças pelo nome, e fui logo sendo avisada que ali ninguém era tia.

Em sala, percebi que as crianças tinham liberdade para se expressarem, e propostas diferentes eram desenvolvidas como, por exemplo, nada de desenho pronto, nada de segurar a mãozinha para pintar. As folhas oferecidas para desenhar eram de cores diferentes e eles tinham autonomia para escolher a cor que desejavam. Inicialmente, achei estranho, principalmente se tratando da turma de berçário.

Eu também nunca tinha ouvido falar no trabalho com projetos, o que seria isso?

Ao ser chamada por uma das professoras para ajudá-la a construir o planejamento e pensar nas atividades propostas, tomei outro choque. “Como assim?”, “Atividades com objetivos?”. Enquanto ela me explicava, eu ficava me fazendo muitas perguntas. Senti-me um peixe fora d’água, perdida, mas com vontade de aprender.

Reunião pedagógica com todos? Tomei um susto ao ser convocada para a reunião. “Aqui todos somos educadores, cada um dentro da sua função desempenha o papel de educar. Cuidamos, ensinamos, mas também aprendemos com nossas crianças”. Ao ouvir essas falas da coordenação, percebi que estava diante de uma metodologia totalmente diferente, outra realidade.

Mas, agora, preciso contar para vocês como fui levada ao lugar que me apresentaria e me levaria a um caminho de descobertas e de muito aprendizado, em que a teoria e a prática caminham juntas. Ficaram curiosos?

Estava recém-chegada na creche Chácara do Céu e, sabendo do meu desejo de me tornar uma professora, a coordenadora Silvia falou sobre o Instituto Superior de Educação Pró-Saber-ISEPS e sobre a possibilidade de realizar inscrição para o vestibular no Curso Normal Superior de Educação Infantil. Naquele momento, não hesitei, eu queria agarrar a oportunidade e estava decidida a tentar.

Lembro-me como se fosse hoje: era o último dia de inscrição, saí do trabalho correndo, entrei em casa, tomei um banho e parti em direção ao Humaitá. Com a inscrição feita, comecei a pensar como seria a prova e fiquei me questionando, “Será que vou conseguir?”, “Que descobertas farei, caso eu consiga passar?”, “Como vai ser?”, “Quais serão as disciplinas?”, “Como serão as aulas?”.

Quando soube que passei na primeira fase, meu coração se encheu de alegria e esperança. Lembro-me das colegas de trabalho, que já tiveram a oportunidade de passar pela instituição, me parabenizando e dizendo que eu conseguiria, sem falar na minha família que me apoiou, desde o início. Mas antes, teria que escrever o memorial, no qual teria que contar um pouco da história da minha vida, e que me apresentaria na entrevista para ser aprovada de fato e, aí sim, começaria a minha caminhada no Pró-Saber.

Memorial pronto e salvo no meu notebook... De repente, tudo sumiu! O aparelho queimou. Meu coração disparou, as lágrimas começaram a rolar, faltavam algumas horas para a entrevista e não podia perder tempo. Enxuguei as lágrimas, peguei papel e caneta, sentei-me no chão da minha sala e mergulhei fundo novamente no meu passado, expondo meus sentimentos e contando um pouco da minha vida no papel. Parava por um segundo e olhava o relógio, pois os ponteiros me diziam: O tempo não pára e talvez você não consiga! Mas eu não me importava, estava decidida a não deixar que nada me impedisse. Graças a Deus, acabei dentro de meu tempo limite e segui para a entrevista.

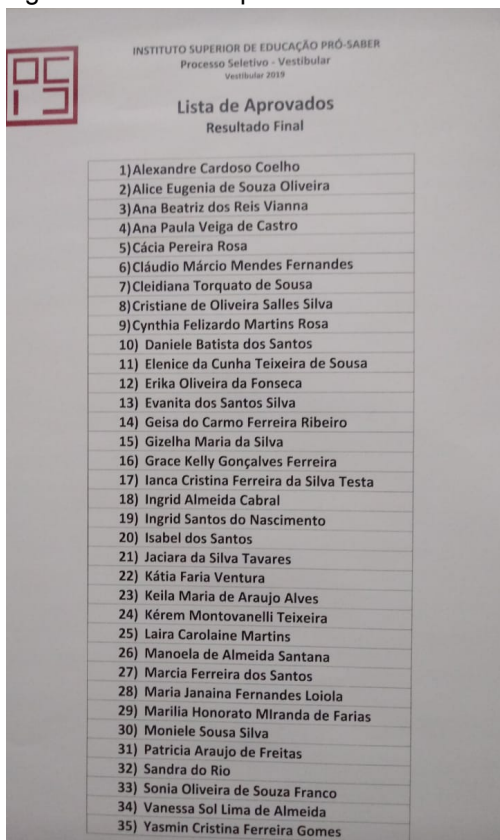
Foi quando comecei a pensar que não era só a realização de um sonho, era muito mais que isso. Era a busca pelo conhecimento, pela ampliação do meu olhar para o que está à minha volta e para a minha prática.

De repente, lá estava eu, no Pró-Saber, dentro de uma sala, fazendo a leitura do meu registro, expondo grande parte da minha vida, com a boca seca, as pernas bambas. Meu coração parecia saltar pela boca, mas ali estava eu, encarando a timidez. Ali começava o primeiro capítulo de uma nova história da minha vida.

Ao saber que finalmente havia sido aprovada, meu coração transbordou de felicidade! Eu sabia que a caminhada não seria fácil, mas tinha a certeza de que o curso me levaria a percorrer caminhos diferentes e eu iria, finalmente, construir o meu aprendizado e ampliar o meu olhar para a minha prática, como sempre desejei.



Figura 1 - Lista de aprovados



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER  
Processo Seletivo - Vestibular  
Vestibular 2019

Lista de Aprovados  
Resultado Final

- 1) Alexandre Cardoso Coelho
- 2) Alice Eugenia de Souza Oliveira
- 3) Ana Beatriz dos Reis Vianna
- 4) Ana Paula Veiga de Castro
- 5) Cácia Pereira Rosa
- 6) Cláudio Márcio Mendes Fernandes
- 7) Cleidiana Torquato de Sousa
- 8) Cristiane de Oliveira Salles Silva
- 9) Cynthia Felizardo Martins Rosa
- 10) Daniele Batista dos Santos
- 11) Elenice da Cunha Teixeira de Sousa
- 12) Erika Oliveira da Fonseca
- 13) Evanita dos Santos Silva
- 14) Geisa do Carmo Ferreira Ribeiro
- 15) Gizelha Maria da Silva
- 16) Grace Kelly Gonçalves Ferreira
- 17) Ianca Cristina Ferreira da Silva Testa
- 18) Ingrid Almeida Cabral
- 19) Ingrid Santos do Nascimento
- 20) Isabel dos Santos
- 21) Jaciara da Silva Tavares
- 22) Kátia Faria Ventura
- 23) Keila Maria de Araujo Alves
- 24) Kérem Montovanelli Teixeira
- 25) Laura Carolaine Martins
- 26) Manoela de Almeida Santana
- 27) Marcia Ferreira dos Santos
- 28) Maria Janaina Fernandes Loiola
- 29) Marília Honorato Miranda de Farias
- 30) Moniele Sousa Silva
- 31) Patricia Araujo de Freitas
- 32) Sandra do Rio
- 33) Sonia Oliveira de Souza Franco
- 34) Vanessa Sol Lima de Almeida
- 35) Yasmin Cristina Ferreira Gomes

Autor: Daniele Batista

Ao confirmar a minha matrícula e dar este novo passo na minha vida, já sabia que nunca mais seria a mesma como pessoa e profissional. Também sabia que, para trabalhar com Educação Infantil, era preciso conhecer como se dá o desenvolvimento das crianças para poder conduzi-las a um caminho de descobertas de maneira significativa e construtiva. Para isso, acima de tudo, se fazia necessário respeitá-las. Sabia que a caminhada não seria fácil, mas não imaginava que seria tão dolorosa e que mexeria tanto com meus sentimentos, logo no primeiro ano.

Ao longo da escrita dos capítulos da monografia, resgato e discuto aspectos importantes que fizeram parte dessa caminhada.

## 1 DESCOBRINDO O NOVO, DESCONSTRUINDO O OLHAR

Antes de começar o curso de formação, eu imaginava que ele me ajudaria a compreender o que estava vivenciando, na instituição em que atuo, e o que já vivenciei, nas outras por onde passei. Porém, o que eu não imaginava é que iria muito além disso. Eu resgataria a minha memória de educanda. Os conteúdos abordados nas disciplinas me trariam o entendimento para o que vivenciei de positivo e negativo. Passaria a identificar melhor as marcas deixadas por uma concepção autoritária, na qual o educando não era ouvido e repetia aquilo que lhe era transmitido pelo educador, considerado o detentor de todo saber. Agora, olho para o meu passado e compreendo as marcas que tenho em mim das ações de uma concepção autoritária e almejo que no futuro nenhum educador siga esse modelo.

No primeiro ano do curso, fomos levados a resgatar a nossa história e, neste trajeto inicial, descobri não ser adequado ser chamada de “Tia”. Essa descoberta aconteceu na disciplina “Instrumentos Metodológicos”, ministrada pelas professoras Clara Araujo e Priscila Almeida. E foi em uma aula com Clara que conheci a história do nome de cada um dos meus colegas, da turma 2019, e compartilhei com eles a minha.

Neste encontro, realizamos a leitura do texto “Professora Sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar”, de Paulo Freire, onde deixa claro que o termo “tia” é a tentativa da desvalorização da profissão de professor. Ele nos diz: “Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco”. (FREIRE, 2010, p.13).

Destaco seu pensamento no sentido de que uma tia não estuda para ensinar seus sobrinhos, sua relação é de parentesco, pois já os conhece, ela faz parte da família. A leitura e reflexão sobre o texto foi muito importante, levando-me a desconstruir o meu olhar, pois achava lindo ser chamada de “Tia Manu” pelos alunos e responsáveis, nas outras instituições educacionais por onde atuei. Mas, naquele momento, compreendi o porquê de não se usar este termo na creche em que estava recém-chegada. Então, passei a enxergar a importância do nome que antes mesmo de nascermos foi pensado e dado por nossos pais e, que inicia o primeiro capítulo da nossa vida.

Para não esquecermos, recebemos um livro que continha a história do nome de cada um, da turma 2019, e ao abrir vi que nele estava reproduzida a nossa escrita exatamente como nos apresentamos.

Figura 2 - Livro com a história dos nomes.



Acervo pessoal da autora.

Aos poucos, fui tomando consciência de que, para compreender o que estava vivenciando no meu trabalho e no curso, tinha que estar aberta a aceitar uma nova concepção de educação, me desprendendo do passado. Fui tomando consciência de que teria que enfrentar os fantasmas que me amedrontavam e, alguns deles, sei que enfrento até hoje em dia, mas logo eu os espanto.

A primeira aula do curso foi no auditório, mas antes, enquanto aguardava, fiquei admirando cada cantinho daquele lugar: as esculturas, os quadros, o mobiliário. Era arte presente contando a história do local, de pessoas que tiveram suas vidas transformadas e que deixaram suas marcas.

De repente, me peguei pensando que a arte provoca o ser humano a pensar, refletir, buscar conhecer o desconhecido, se arriscando a experimentar e seguir novos caminhos. Nem imaginava que seria levada a ter contato com

diversos tipos de expressões artísticas e ir me alfabetizando culturalmente. Aos poucos, fui compreendendo a importância de, desde a educação infantil, levar diferentes manifestações artísticas e culturais para dentro de sala, apresentando-as para as crianças.

No auditório, a professora Cláudia Sabino nos acolheu junto com alguns professores que se apresentaram para nós. Nessa aula inaugural, encarei meu primeiro desafio: falar em público. O medo e a vergonha já estavam ali presentes, a boca seca, as pernas tremendo e o coração disparado, simplesmente por estar em uma sala cheia de pessoas desconhecidas e ter que falar meu nome, o bairro onde moro e a instituição na qual atuo. Após me apresentar, todo aquele medo passou, em um piscar de olhos, pois naquele momento havia acabado de enfrentá-lo. E me fiz a seguinte pergunta: Por que esse medo, vergonha de algo simples? Qual a explicação? Retornei para casa pensativa e com estes questionamentos internos, mas certa de que não poderia voltar atrás. Seria preciso seguir com calma, para não me desencorajar diante do novo caminho que iria percorrer, pois nunca mais seria a mesma.

Lembro-me da primeira aula de Filosofia, com a professora Paula Padilha, na qual ela trouxe uma epígrafe de Clarice Lispector que diz:

Seu desespero vinha de quem não sabia sequer por onde e pelo o que começar. Só sabia que já começara uma coisa nova e nunca mais poderia voltar à sua dimensão antiga. E sabia também que devia começar modestamente, para não desencorajar. E sabia que devia abandonar para sempre a estrada principal. E entrar pelo seu verdadeiro caminho, que éramos atalhos estreitos. (LISPECTOR, 1991, p.149).

Remeteu-me aos meus pensamentos e questionamentos internos provocados na aula inaugural, dos quais falei anteriormente. Mas foi na disciplina de Prática Metodológica I, ministrada por Clara Araujo e Priscila Almeida, que fomos apresentados aos instrumentos metodológicos: a observação, o registro reflexivo, a avaliação e o planejamento. Ferramentas que hoje compreendo serem essenciais para a prática de todo educador dentro e fora de sala. Os instrumentos metodológicos fazem parte da metodologia do Curso de Normal Superior do Pró-Saber, que foi desenvolvida por Madalena Freire. Esses instrumentos auxiliam na construção constante da disciplina intelectual.

Seguindo essa concepção metodológica, a observação exercita a concentração, a definição do foco e ela é o estudo da realidade, do que foi significativo, permitindo uma avaliação para que o educador identifique o caminho que seus alunos (individuais e grupo) estão construindo do seu processo de aprendizagem. Sendo assim, a observação permite ao educador também avaliar a sua prática, refletindo, pensando, pesquisando o que deseja alcançar. Através do registro reflexivo, o educador poderá estudar e avaliar sua prática. O registro reflexivo é compreendido como um estudo daquilo que foi registrado em cima das observações que foram feitas, o que leva a uma tomada de consciência dos resultados da prática, auxiliando para identificar o que deu certo e o que não. Neste sentido, podemos compreender a avaliação como um processo de reflexão constante sobre o cotidiano, sendo o resultado do que foi planejado.

Nesta concepção democrática de educação, o respeito aos direitos e deveres do aluno é fundamental, na qual se entende que cada um tem a sua singularidade, carrega a sua história de vida, suas experiências e desejos. O professor democrático não é o detentor do saber e ele entende que precisa caminhar junto com aqueles a quem vai orientar a construção de conhecimento. Nessa concepção de educação, a construção do conhecimento vai acontecer a partir da interação com o outro, nas relações. O aluno é provocado a pensar e refletir diante dos conteúdos, desta forma, ele vai construindo o seu conhecimento e o professor vai orientando e fazendo intervenções quando necessárias.

### **1.1 Estranhamento - Vivenciando e experimentando a concepção democrática**

Lembro-me que, nas primeiras aulas, estranhava os pontos de observação, que eram 3 questões socializadas, no início das aulas, para serem respondidas, ao final, focadas na reflexão e avaliação da aprendizagem, dinâmica e coordenação. No ponto de observação da aprendizagem, cada indivíduo trazia o que ficou de entendimento diante dos conteúdos apresentados, uma autoavaliação. No ponto de observação sobre a dinâmica e sobre a coordenação, dois alunos eram escolhidos e, cada um deles, ficava

responsável por observar o movimento do grupo durante as aulas e como foi o ensinar do professor.

Aos poucos, fui compreendendo a importância dos instrumentos metodológicos para o educador, permitindo que ele estude, avalie a sua prática e, com isso, possa melhor planejar, direcionando o educando a ir construindo seu conhecimento.

Como educanda, fui percebendo que estes pontos de observação iam me fazendo enfrentar a dificuldade de expor a todos o meu pensamento, reflexões, entendimentos, o que ficou confuso e me ajudavam a estar mais atenta, focada.

Também fui percebendo o quanto as trocas entre o grupo e o professor iam ampliando o meu olhar e me levando a pensar, refletir, construir minha aprendizagem e a ter ideias para a minha prática como educadora.

A realização dos registros reflexivos (sínteses) de cada aula é uma tarefa importante, que deve ser realizada e entregue, dentro de um prazo estipulado pelo professor. Dessa forma, ele pode acompanhar e avaliar o processo de evolução do educando. Mas não é só avaliar o educando, mas também, o seu ensinar, naquilo que ele deseja que seus alunos avancem. Então, é preciso planejar, sem esquecer que o educador deve estar preparado para lidar com o inusitado, aberto para a possível necessidade de realizar alterações em seu planejamento.

Como educanda, as sínteses me permitiam estudar, me levando a refletir sobre meus pensamentos diante de tudo que havia vivenciado nas aulas, sobre os conteúdos apresentados e sobre minha atuação em sala, no meu trabalho. Enquanto realizava estes registros, ia tomando consciência da minha aprendizagem, da desconstrução do meu olhar e de como os professores, o grupo e seus individuais foram importantes neste processo. E, com isso, surgiam ideias que poderiam ser colocadas em prática, como educadora.

Também fui aos poucos ampliando a minha escrita e percebendo o quanto o ato de escrever me ajudava a organizar meus pensamentos colocando-os para fora nos meus registros. Assim, fui me tornando autora da minha própria aprendizagem.

Comecei a enxergar que tanto os educadores como educandos tinham uma relação diferenciada, não havia certo ou errado, o que nós alunos trazíamos de nossas experiências e vivências eram respeitadas. A todo instante nas aulas, éramos incentivados a trazer nossas ideias, pensamentos, dúvidas, a falar da nossa prática, o que nos levava a refletir e relacioná-la com os conteúdos apresentados. Através dos registros e instrumentos metodológicos fui entrando em contato com meu processo de conhecimento. De acordo com Freire (2014),

Os instrumentos metodológicos (a observação, a reflexão da prática/teoria, a avaliação e o planejamento) possibilitam o exercício sistemático da reflexão para a construção e apropriação da disciplina intelectual. O educador estando em qualquer função na escola (professor, coordenador, diretor) é um profissional do conhecimento, um estudioso, um intelectual – seu compromisso está em promover que seus alunos entrem em contato com seu próprio processo de conhecimento (FREIRE, 2014).

Apreendi que não basta estar com olhos e ouvidos atentos, é preciso anotar aquilo que observei em um caderno, para não perder essas informações sobre os individuais, sobre o grupo e até sobre mim (uma ideia que surgiu durante as minhas observações e pensamentos) para uma autoavaliação de minha prática e avaliação dos alunos. Avaliar os objetivos que foram alcançados, os que não foram, o que o grupo e seus individuais trouxeram de curiosidades, de interesse e o que foi significativo para eles no processo educativo.

Na minha prática de educadora, as anotações que faço sobre as observações feitas dentro da minha sala permitem que eu pense e reflita sobre a mesma e levante hipóteses para planejar quais os caminhos posso construir junto aos meus alunos, as direções que posso seguir para melhor orientá-los na construção da sua autonomia e, assim, da sua aprendizagem. Desta forma, consigo planejar os próximos passos de maneira significativa para eles, mas sem esquecer que é preciso lidar com o inusitado e ser ágil para recriar o que se planejou. Acredito que isso acontece com todo educador, então, é preciso estar aberto às novas possibilidades, ser flexível.

## 2 AS DISCIPLINAS QUE ME MARCARAM

Para iniciar este capítulo, trago a lembrança do processo vivido na disciplina “Metodologia de Pesquisa”, coordenada pela professora Cristina Porto. Ela nos levou a realizar uma investigação através de nossas memórias, a fim de descobrir e estudar as mudanças provocadas em nós e na nossa prática, a partir da nossa entrada no Pró-Saber, através de cada disciplina e cada conteúdo que foi apresentado por professores maravilhosos.

Escavando os meus registros, observei quanta coisa vivenciei junto com meus colegas da turma 2019. Suas falas dos professores, aos poucos, me provocaram a pensar e refletir, contribuindo para a construção da minha aprendizagem.

Recordo-me que na “nutrição estética”<sup>1</sup> de uma das aulas desta disciplina, Cristina nos apresentou um trecho do documentário “Nelson Freire”, de João Moreira Salles, em que o pianista faz uma homenagem a Guiomar Novaes, uma das pessoas que inspiraram o artista a seguir a sua profissão. Neste dia, voltei ao início de tudo, às marcas que cada professor que conheci neste percurso deixou em mim. E, voltando atrás e olhando meus registros, concluo que não foram somente os professores, mas também, o grupo e seus individuais que foram importantes.

A disciplina “Introdução à Psicopedagogia”, ministrada pela professora Heloisa Protásio, me trouxe um olhar para o papel da Psicopedagogia, que é auxiliar no processo de aprendizagem do ser cognoscente. Essa expressão eu nunca havia ouvido falar e descobri que é qualquer pessoa em processo de construção de conhecimento. Durante as aulas, aprendi que a Psicopedagogia é uma teoria e não uma metodologia, sendo ampla a sua área de atuação (educacional, administrativa e saúde).

O profissional desta área tem como objetivo identificar problemas e dificuldades que estejam impedindo o indivíduo no seu processo de aprendizagem nas várias fases da vida. Ao identificar essas dificuldades o

---

<sup>1</sup> A nutrição estética é um dos recursos utilizados nas aulas do curso de formação do Pró-Saber. Trata-se da fruição de uma obra de arte de alguma forma relacionada ao assunto tratado na aula ou, essencialmente, voltada à afinação da sensibilidade. (GENESCA; CID, 2013, p. 103).



profissional desta área pode auxiliar realizando intervenções, no caso da educação, a fim de reduzir a evasão escolar.

Durante o curso, tive a oportunidade de conhecer os estudos do biólogo e psicólogo Jean Piaget sobre desenvolvimento da inteligência e construção do conhecimento do ser humano. A teoria desenvolvida por Piaget foi batizada por ele de Epistemologia da Genética, que significa estudo da ciência do conhecimento. Ele define a inteligência enquanto função e estrutura; função é o processo de adaptação pois, muitas vezes, precisamos modificar o ambiente em que vivemos para sobreviver. A criança vai organizando suas descobertas e vai se adaptando, essa organização é a estrutura.

A partir desses estudos, pude ir melhor acompanhando e enxergando como estava a construção da autonomia de cada um dos bebês do agrupamento em que atuo, na instituição onde trabalho e, assim, ir fazendo intervenções para que fossem avançando em cada estágio.

A disciplina “Oficina de Leitura e Escrita” foi ministrada, no início do curso, pela Profa. Melissa Lamego e, depois, pela Profa. Liana Castro. Elas despertaram novamente meu interesse em criar o hábito da leitura e, conseqüentemente, para a escrita, coisas que havia deixado lá na minha infância e, aos poucos, fui retomando, tais como, o hábito de escrever um diário onde coloco meus desabafos.

Foi nesta disciplina que conheci alguns autores como, Bartolomeu Campos de Queirós, Daniel Munduruku, este me levou a ampliar o meu olhar para a cultura indígena, Djamila Ribeiro, Lígia Bojunga, Otávio Junior e Carolina Maria de Jesus, que através de seus livros me fizeram parar para olhar o meu cotidiano de um jeito diferente, me inspirando a registrá-lo através da fotografia, descobrindo as mais belas imagens que estavam sempre embaixo do meu nariz, como mostra a figura abaixo:

Figura 3 - Paisagem que descobri da minha janela



Acervo pessoal da autora

Passei a enxergar a importância da leitura no trabalho com educação infantil, principalmente com os bebês, e como contribui para o desenvolvimento deles. É importante ressaltar que a leitura deve ser apresentada de maneira que desperte o interesse das crianças, levando-as a entrar no mundo da literatura de forma prazerosa, podendo utilizar o lúdico.

Na minha prática gosto do momento da contação da história, mas antes tenho o cuidado na escolha do livro, principalmente se tratando de bebês. Na rodinha de história é possível perceber seus interesses. Gosto de provocá-los a interagir durante a contação, assim estou estimulando a fala e o seu pensamento. No final, gosto de cantar uma música e, em seguida, deixar que manipulem o livro. E sempre demonstro que é preciso ter cuidado com o mesmo e, aos poucos, eles vão compreendendo.

Figura 3 - Contação da história com a turma de berçário II



Autor: Alyne Mouzinho.

A disciplina “Alfabetização Cultural”, ministrada pela professora Melissa Lamego, através do resgate das memórias afetivas fez a mim e meus colegas trazermos a cultura regional de cada um, nossas tradições, costumes e a olharmos para as nossas origens. Neste resgate fui tomando consciência que cada um carrega a sua identidade cultural e cabe a cada um mantê-la viva, passando de geração para geração.

Essa foi uma das disciplinas que nos possibilitou ter contato direto com o mundo das artes e, através dela, percebi seu poder de provocar sentimentos, resgatar memórias, inspirar, nos transportar para outros lugares, levar a pensar e refletir, contribuindo para que nos tornemos mais críticos.

No primeiro ano do curso, mas especificamente no dia 28 de outubro de 2019, fomos levados por Melissa Lamego a uma noite no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, para assistir a um espetáculo de dança do Grupo Corpo, uma homenagem ao cantor e compositor Gilberto Gil. Lembro que fiquei encantada com cada detalhe daquele lugar. Durante a apresentação, a emoção tomava conta de mim em diversos momentos, e ao olhar para os meus colegas, percebia o encantamento de todos.

Figura 4 - Uma noite no Municipal



Autor: Kátia Faria

Não posso deixar de falar do passeio ao Instituto Moreira Salles (IMS), onde vimos a exposição “A Luta Yanomami” através das fotografias de Claudia Andujar. Naquele dia vi como a fotógrafa utilizou de sua arte para chamar a atenção para a desvalorização de um povo.

Cultura não é só memória e costumes de um povo, mas sim tudo que conta a história de um conjunto de pessoas de uma determinada região para o mundo, isso é cultura. Vi o quanto é importante o apoio das instituições de educação em parceria com o professor para se promover experiências fora de sala, levando nossas crianças a conhecer espaços culturais, para que entrem em contato com diferentes tipos de expressões artísticas.

A disciplina “Educação Especial na Perspectiva da Inclusão”, coordenada pela professora Ana Elisabete Lopes, ampliou o meu olhar para o que de fato é inclusão, pois é preciso saber lidar com os alunos com necessidades específicas atendendo às suas necessidades, para desenvolver um bom trabalho e proporcionar um ensino de qualidade. Vi a importância de

conhecermos as leis que garantem os direitos destes alunos para que, como educadores, possamos orientar seus responsáveis.

Libras e Educação para Surdos é uma disciplina que desconstruiu o meu olhar para com os surdos, pois antes eu achava que todo surdo era mudo e passei a compreender que isto não é verdade. A professora Vera Loureiro me fez descobrir e compreender que o alfabeto manual não é a língua de sinais e que ele é utilizado para nomes próprios em diversas línguas de sinais. A língua de sinais não é universal e existem várias espalhadas pelo mundo e todas são reconhecidas.

Passei a olhar de forma diferente para as brincadeiras através da disciplina “A importância do brincar na educação infantil” ministrada pela professora Cristina Porto, que me fez olhar para as entrelinhas destes momentos especiais da infância. A maneira com que as crianças organizam suas brincadeiras traz muitas informações sobre quem são, de onde vem, ou seja, da cultura na qual estão inseridas.

Observando as crianças brincando em brincadeiras individuais e em grupo, comecei a perceber, o quanto demonstravam seus sentimentos que, muitas vezes, não conseguiam expressar em palavras. Isso me chamou a atenção e me fez compreender que naquele momento eu estava obtendo resposta para algo que me preocupava em seu comportamento como, por exemplo, um comportamento agressivo, um choro constante, etc.

No capítulo a seguir, irei falar sobre as brincadeiras e sua importância na educação infantil. Para isso, foi preciso voltar ao passado, mais precisamente na minha infância, resgatando lembranças e, através delas, trouxe a criança que fui um dia e que estava adormecida dentro de mim.

Mas antes, não posso deixar de falar sobre a disciplina Introdução ao Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’S), ministrada por Flávia Quadrelli, me levando a me aproximar das ferramentas tecnológicas e a perder o medo de utilizá-las para auxiliar no meu trabalho, mas fora dele também. Antes me limitava somente ao que já sabia e conhecia, não buscava pesquisar para compreender e nem me arriscava a tentar fazer, delegando a função para outras pessoas e muito menos tentava aprender o que desconhecia, hoje faço ao contrário. enxergo a importância da tecnologia a

serviço da aprendizagem e no nosso cotidiano, mas com cuidado, pois tudo em excesso é prejudicial à saúde.

Não posso esquecer de falar que foi a tecnologia que nos salvou durante a pandemia da Covid-19, um momento em que o mundo precisou se isolar e que não gostaria de trazer neste registro, pois os educadores foram desafiados a manter seu compromisso com seus educandos, vivenciando momentos de incerteza, foi preciso se reinventar, pois a educação não podia parar.

As aulas passaram a ser remotas e cada um dentro de suas condições foi improvisando o seu cantinho de estudo, enfrentando os problemas com a internet, uma das protagonistas deste momento. Mesmo à distância fomos nos unindo, dando as mãos, nos ajudando e fazendo de tudo para nos apoiarmos nesta aventura. Sim, aventura, pois a maioria não era próxima das novas ferramentas tecnológicas e teve que reinventar a prática de educador e de educandos.

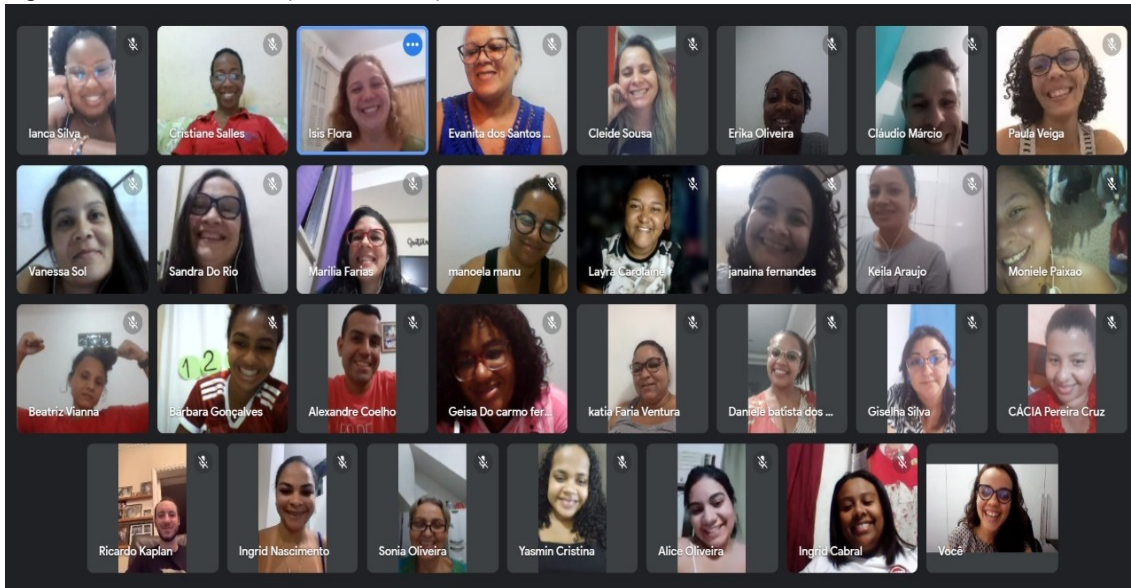
Assim, fomos experimentando novas possibilidades e estratégias para com a nossa prática. Sobrevivemos e hoje olho como reeduquei o meu olhar, apurei mais a escuta para o que antes a correria do dia a dia não me permitia enxergar em detalhes e, para isso, foi preciso ser paciente e seguir com calma.

É um momento triste da história mundial e cada um vivenciou esta experiência de maneira singular, sendo atravessado de um jeito diferente, e isso contribuiu para a construção de um novo caminho para a sua prática e para a construção de seu aprendizado.

Trago as palavras de Jorge Larrosa que diz:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA 2002, p. 24).

Figura 5 - Aula Remota (Turma 2019)



Autor: Tarsila Nascimento

### 3 O BRINCAR E SUA IMPORTÂNCIA: UM NOVO OLHAR

Para compreender as brincadeiras e sua importância na educação infantil foi preciso mergulhar na minha infância e resgatar a menina moleca que estava adormecida. E isso foi vivido nas aulas da Profa. Cristina Porto, despertando um outro olhar sobre o brincar e as brincadeiras. A escolha deste tema se deu a partir do momento que olhei para as diferentes infâncias, através dos relatos dos meus colegas, realizados durante as aulas, lembrando suas brincadeiras. Também pude aprofundar a reflexão sobre esse tema com o estudo do texto “Narrativas do Olhar” de Gabriela Romeu (2016).

Através de um dos vídeos do “Território do Brincar”<sup>2</sup>, que foi apresentado na segunda aula desta disciplina, observei crianças de culturas diferentes brincando e percebi que reproduziam rituais de sua cultura. Elas estavam brincando com o que tinham disponível e reconheci que algumas dessas brincadeiras fizeram parte da minha infância, sendo readaptadas para a cultura local. Eram brincadeiras que foram passadas de geração para geração, que vão sendo adaptadas de acordo com cada região e, desta forma, vão construindo a cultura lúdica.

Ao recordarmos essas brincadeiras, observei que muitas lembranças também tinham relação com a escola e com a aprendizagem promovida por meio do brincar e das brincadeiras de infância. Durante as brincadeiras, as relações eram construídas e muitos laços de amizade se formavam.

Ao longo do estudo, fui compreendendo que a criança não nasce sabendo brincar, ela aprende, pois, se buscarmos nas nossas memórias, sempre temos a figura de um adulto que nos apresentou a uma determinada brincadeira. Aos poucos essas brincadeiras vão sendo modificadas, vão ganhando novas regras, ultrapassando gerações e vão se eternizando. Isso me leva a compreender que o brincar não é algo que acontece naturalmente, já que, para que a brincadeira aconteça, é preciso que alguém a estimule.

Passei a observar com mais atenção como se dava início as brincadeiras dentro do berçário 2 (1 a 2 anos) e me dei conta que entre os bebês sempre era um adulto que a iniciava. Nesse momento em que a

---

<sup>2</sup> No site deste projeto, são encontrados vários vídeos sobre as brincadeiras das diversas regiões do Brasil: <https://territoriodobrincar.com.br/>. Acesso em 24 de jun. 2022.



brincadeira estava sendo introduzida, os bebês começavam a interagir com o educador e uns com os outros.

Todas as vezes que era apresentado um novo brinquedo a eles, os olhinhos curiosos brilhavam. Em um primeiro movimento, observavam e, em seguida, percebiam a necessidade de manipular o brinquedo. Ao possibilitar que isso fosse feito, dava início o movimento de reconhecimento, uma espécie de investigação, que logo associa ao processo de assimilação e acomodação, que aprendi durante os estudos sobre o desenvolvimento da inteligência. (PIAGET, 2015).

Observei que, ao compreenderem como funcionava determinado objeto, demonstravam um certo desinteresse e buscavam outro brinquedo. Ao brincar davam outra função ao mesmo, como por exemplo: o chocalho em formato de cilindro se transformava em uma espécie de carrinho ou rolavam o mesmo com as mãos ou o chutavam pela sala com os pés. Essa era a maneira como estavam se relacionando com o brinquedo e explorando as possibilidades de com ele brincar. Era possível observar como estavam desenvolvendo seus movimentos motores, a imaginação e a criatividade. É durante as brincadeiras que a criança desenvolve seu raciocínio por meio das experiências que nós adultos proporcionamos, quando interagimos com elas.

Quantas vezes ouvi de alguns responsáveis a seguinte fala, referindo-se a turma do berçário: “São só bebês, eles só brincam o dia todo”. Mas nas reuniões com eles, sempre buscamos ressaltar que é no brincar que se aprende. Os bebês vão se desenvolvendo enquanto brincam e isso precisa ser estimulado pelos adultos.

Outras mudanças ocorreram também na minha prática pedagógica, durante meu processo de formação. Por exemplo, em sala de aula, ao oferecer um jogo de encaixe com peças coloridas e de tamanho apropriado, de acordo com a faixa etária, sentia a necessidade de participar daquele momento com as crianças. Antes, não era assim, eu oferecia o jogo e, enquanto elas brincavam, eu só observava e anotava como o grupo e os individuais brincavam e separava os que conseguiam encaixar as peças daqueles que não conseguiam. Com a disciplina “O Brincar e sua Importância”, fui modificando a minha prática e passei a sentir a necessidade de sentar-me junto com as crianças e participar da brincadeira.

Nessa atividade lúdica, compreendo agora que, ao oferecer o jogo, eu tinha uma intencionalidade. A intenção era estimular, desenvolver o raciocínio, a coordenação motora e a oralidade, mas também identificar suas necessidades.

Lembro de uma outra situação em que, ao reuni-los em uma roda e espalhar as peças do jogo no centro, os mais novos só observavam e não realizavam a ação de encaixar as peças. Outros, imediatamente, pegavam as peças e já começavam a encaixar. Mas havia também aquela criança que ficava manipulando a peça, como se estivesse realizando uma investigação e, de fato, era o que estava fazendo. Comecei a interagir com eles e, ao pegar algumas peças e realizar a ação de encaixar, percebi que os que só observavam começaram a tentar reproduzir a ação e, aos poucos, foram conseguindo. Dei uma pausa e fiquei só observando. Percebi que alguns vinham na minha direção, segurando uma peça em cada mão, me mostrando e chamando minha atenção. Era como se fosse um convite para continuar na brincadeira ou mostrar-lhe como realizar aquela ação de fazer a junção das peças.

Figura 6 - Brincadeira de Jogo de Encaixe



Acervo pessoal da autora

Com o passar do tempo todos já conseguiam encaixar as peças, os mais agitados ficavam concentrados e os mais velhos começavam a dar funções às suas montagens. Como João, que ao juntar as peças começou a imaginar ser um carrinho, tentando reproduzir o som de uma buzina e arrastar com as mãos pela sala, o brinquedo que havia criado. Naquele momento percebi que o menino estava entrando no mundo do faz de conta, sua imaginação estava aflorada e trazia um pouco da sua realidade, pois em algum momento, o menino já havia ouvido o som de uma buzina e compreendia para que servia a mesma.

Antes dos estudos realizados nesse campo, ao colocar no planejamento “Brincadeira espontânea no parquinho”, via como um momento de deixar as crianças livres em um espaço externo, em que era preciso apenas ter atenção para que não se machucassem. Modifiquei o meu olhar para este momento e como educadora vejo a necessidade de investigar, por exemplo, o comportamento de cada criança durante as brincadeiras que não estão sendo direcionadas por um adulto. Com esse exercício de observação, é possível identificar as preferências individuais, o tipo de brinquedo que escolhem, as formas de interação entre si e nos subgrupos que vão se formando a partir dos interesses em comum e de como iniciam a brincadeira entre eles.

Durante as observações nas situações de brincadeira no parquinho e ao utilizarem os brinquedos disponíveis, comecei a identificar no ato da brincadeira a reprodução de situações de sua realidade. Mas isso não se dava só através da utilização dos brinquedos, mas também, por meio de outros objetos, como sucata, por exemplo, quando uma caixa de papelão se transformava em um carrinho, as folhas secas caídas da amendoeira viravam comidinhas ou dinheirinho. Rememorando esses momentos do processo educativo, reconheço como o brincar contribui para o desenvolvimento das crianças e para obtermos informações sobre seu modo de ser, agir e pensar diante do mundo ao seu redor. É na brincadeira que a criança se permite ser quem ela quiser e expor seus sentimentos, enquanto aprende a lidar com diversas situações brincando.

Figura 7 - Brincadeira no Parquinho



Acervo pessoal da autora

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia resgatei e apresentei resultados do meu processo de aprendizagem que reuniu estudo, observação, registros e reflexão diante dos conteúdos apresentados durante o curso, através de uma metodologia que respeita e valoriza cada aluno.

Preciso ressaltar que, por estar atuando na área da educação durante esse período de formação, pude colocar em prática o que vinha aprendendo e perceber, com um olhar mais analítico, alguns comportamentos, situações e hábitos, que antes passavam despercebidos. Neste trabalho, apresento não só palavras, ideias e pensamentos, mas compartilho da minha experiência e de conhecimentos construídos, ao longo desses anos de estudos.

Reafirmo aqui também o compromisso de ensinar e de aprender, buscando desenvolver uma relação de respeito entre educador e educando. Quando sou eu a ensinar na sala de aula, ou quando me coloco no lugar de educanda, em ambas as posições, a minha vida vem sendo afetada de forma positiva. Palavras são poucas para descrever o que é realmente essa experiência de se doar e de receber de formas diferentes, de lidar com crianças e com pessoas capazes de nos mostrar um mundo novo a cada aula, a cada dia, a cada minuto, a cada situação.

Por isso, reforço meu pensamento de que a educação infantil é a base de todo o processo de construção de aprendizagem e a mesma deve ser valorizada, assim como a importância do brincar. É importante entender as brincadeiras dentro dos espaços de educação como forma de aprendizagem, o papel do educador como promotor de diversas formas de interação lúdica.

Dou ênfase ao brincar dentro do berçário, pois é onde tudo começa, onde o bebê vai descobrindo o mundo e construindo suas relações fora do convívio da família. Como educadora, me comprometo a tentar apresentar o melhor do meu trabalho para cada criança, a fim de ajudar no seu desenvolvimento e no aprendizado, ressaltando que tenho agora como aliada a utilização dos instrumentos metodológicos que me foram apresentados no curso e onde aprendi a utilizá-los.

Não posso esquecer de falar da importância de sempre inovar a prática, buscando novos recursos, experimentando novas estratégias e possibilidades

para que não caia no automatismo e, assim, poder sempre despertar o interesse das crianças.

Foram três anos de um percurso no qual, por diversas vezes, precisei olhar para mim e para o outro. Ao pensar e refletir diante de tudo que me era apresentado, aos poucos fui me redescobrendo. Assim fui mudando como pessoa, como profissional e transformando o meu olhar para o mundo e tudo foi ganhando um novo sentido.

Essa não é só a realização de um sonho, mas sim o encerramento de um primeiro capítulo de uma formanda, que vai continuar buscando ampliar o seu olhar e estar sempre comprometida com a aprendizagem de seus alunos.

Que venham novos desafios, aprendizagens, construções e a constante evolução em busca de um futuro melhor para mim e para todos!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O avesso das coisas**. 6. Ed. 2007.

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

GENESCÁ, Ana; CID, Lucia (org.) **Pró-Saber: imaginação e conhecimento**. Rio de Janeiro: Edições Pró-Saber, 2013.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n.19, Jan/ Fev/ Mar/ Abr, 2002. Disponível em: [http:// educa. fcc. org. br pdf/ redu? n19a03. pdf](http://educa.fcc.org.br/pdf/redu?n19a03.pdf). Acesso em: 09 nov.2020.

LISPECTOR, Clarice. **Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

PORTO, Cristina Laclette. **Boletim Salto para o Futuro: jogos e brincadeiras: desafios e descobertas**. n.7, 15-20, 2008.

ROMEU, Gabriela. Narrativas do Olhar: notas de um diário. In: Mapa da Infância Brasileira. **Quem está na escuta?** Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças, 2016. Disponível em: [http://primeirainfancia.org.br/wpcontent/uploads/2016/11/T300000001836-0-Mapa\\_infancia-000.pdf](http://primeirainfancia.org.br/wpcontent/uploads/2016/11/T300000001836-0-Mapa_infancia-000.pdf) . Acesso: em 4 de jun. 2022.